

Curitiba, segunda-feira, 31 de agosto de 1992

Elegia da impotência

Margareth Zanardini

Dia a dia somos colocados frente a frente com tristes realidades, numa batalha de informações, alvos estáticos que somos sem que nada possamos fazer para alterar o curso das barbáries.

O holocausto da segunda guerra revivida: vítimas escravizadas em campos de concentração - penúria alimentar, violências, humilhações.

Esqueletos vivos ambulantes à espera de alimento e da morte libertadora.

Enquanto isso nos parece remoto pela distância, nosso País dá o triste exemplo da prostituição de crianças, do hipodesenvolvimento pela inanição, da compra e venda de pessoas, das sevícias e abusos sexuais dos pais contra filhos.

Concomitante à miséria nacional, os gastos supérfluos de poucos corroem as esperanças de muitos de que um dia a História mude.

A visão do gorila acariciando a criança que caiu em seu espaço ao invés da esperada agressividade (comum às feras segundo entendimento humano) foi um dos poucos alentos dos últimos dias.

Qual esteticista do mundo sempre procuramos ver e ressaltar o lado belo da humanidade, mas não há otimismo incurável nem visão poética que resista aos desmandos que massacram milhões de pessoas na atualidade.

Diante de tanta maldade, tanto desrespeito, fome, coação, pobreza extrema, subvida num submundo, desamor e devassidão - catastrófica apocalipse ética -, a vergonha de pertencer à humanidade acrescida da paralisante impotência diante de tudo isso faz os detentores de sensibilidade voltar-se para a única luz no túnel da esperança e do sonho: a crença de que a explicação de tudo isso só possa ser cármica. Reação a ações pretéritas. Que a lapidação dos espíritos está se fazendo e que ainda que distante, já que os algozes de hoje serão os imolados de amanhã, haverá um dia um mundo melhor.

O nihilismo ético que hoje impera há de, meio ao caos, fazer brotar o lado bom do ser humano.

É a única expectativa que nos resta enquanto pranteamos o que vemos.

(Margareth Zanardini, advogada)